

# A criança, o cadáver e a revolta<sup>1</sup>

## *The child, the corpse and the revolt*

**Edson Passetti**

Professor no departamento de Política e no Programa de estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.  
Contato: passetti@matrix.com.br.

### **RESUMO:**

O cadáver é o terminal do corpo, assim como para a criança o espelho lhe dá a sua dimensão. A criança ainda nova nada sabe de fantasmas, deuses, do que esperam dela. Mas fazem-na um espaço a ser habitado por alma, por supostas virtudes, um corpo a ser moldado. São poucos os que não almejam espelhar a criança a partir de si mesmo. Os investimentos em retirar a criança da condição de miséria e do perigo de morte situam-na como e objeto de modulações governamentais na tentativa de dar cabo à revolta, à presença da vida no corpo nu ou simplesmente mascarado.

Palavras-chave: criança, cadáver, revolta, heterotopia.

### **ABSTRACT:**

*A corpse is the body's final destination as well the mirror gives to a child his own dimension. A young child still knows nothing about ghosts, gods or people's judgement on him or her. Yet people make him/her as a space to be occupied by a soul or by allegedly virtues: a body to be modelled. A few do not want to reflect the child as their own image. The efforts to save the children from a miserable life or from dangerous situations place them both as vulnerable and as subjects for governmental modulations that intent to obliterate the revolt and the life thrill in their naked — or just masked — bodies.*

*Keywords: child, corpse, revolt, heterotopy.*

PASSETTI, Edson (2015). A criança, o cadáver e a revolta. Revista Ecopolítica, São Paulo, n. 13, set-dez, pp. 55-69.

Recebido em 5 de novembro de 2015. Confirmado para publicação em 1 de dezembro de 2015.

---

<sup>1</sup> Versão modificada da apresentada no *IX Colóquio Internacional Michel Foucault: Michel Foucault e as Heterotopias dos Corpos*. Fundação Ricardo Brennan, UFPE, UFRN, Recife, 14 a 17 de abril de 2015.

## Dois Filmes

**O cadáver.** Em *Era uma vez na Anatólia* (Nuri Bilge Ceylan, 2011) o chefe de polícia, o promotor, um médico, a equipe de apoio, o suposto assassino e seu irmão comparsa encontram-se em um final de tarde que avançará noite adentro, percorrendo em três automóveis a região da Anatólia – Turquia com seus pequenos montes avistados até o horizonte, em busca do local onde foi enterrado o cadáver. A paisagem repetitiva, repleta de pequenas fontes de água e algumas árvores de copas arredondadas, leva a comitiva a várias paradas equivocadas em lugares semelhantes. Em cada uma, silêncios são cortados por breves conversas entre o chefe de polícia, o promotor, o médico e as negativas de identificação correta do local. O promotor conta ao médico a respeito de uma mulher deslumbrante que certo dia disse ao marido que morreria depois do nascimento da criança que gestava. Ele revela sua admiração pelo sexto sentido feminino, para a qual o médico responde sempre haver na medicina uma causa para a morte. O chefe de polícia, lembrado pela sua esposa ao celular, solicita uma receita ao médico para seu filho epilético. Ele diz não poder voltar para sua casa sem a receita e o médico dispõe-se a prepará-la assim que regressarem à cidade. Depois de três investigações infrutíferas, a comitiva estaciona para comer e descansar em uma pequena aldeia, cujo comissário tem uma filha que serve bebidas em bandeja com lamparinas acesas depois que a eletricidade mais uma vez foi interrompida. Silenciosa, a bela jovem passa entre os convidados e é notada, com especial atenção, pelo promotor e pelo médico que é divorciado e não tem filhos. Pela manhã, é retomada a busca pelo cadáver, segundo as indicações do acusado, até que finalmente encontram o corpo enterrado de lado e amarrado como um porco a ser abatido. O irmão do assassino confesso diz quase sussurrando ser ele o verdadeiro assassino, e é imediatamente calado pelo irmão. Translada-se o corpo para a cidade para a realização da autópsia. Quando chegam

às portas do hospital, ali estão a viúva e o filho da vítima. O garoto atira uma pedra na testa do assassino. O chefe de polícia, antes de apanhar a receita com o médico, comunica que o acusado confessara-lhe ser o verdadeiro pai deste garoto e lhe pedira para cuidar da criança enquanto estivesse preso. O promotor e o médico voltam a conversar sobre a mulher exuberante que profetizara sua própria morte. O médico esclarece ao promotor que a morte prenunciada pela mulher exuberante e constatada como enfarte foi um suicídio com uma droga recomendada a cardiopatas. O promotor concorda silenciosamente e diz que o pai da mulher ingeria estas pílulas. O promotor, melancolicamente, constata a morte de sua esposa e acrescenta que a predição foi elaborada depois que ela o encontrou com outra mulher, o que para ele não passou de uma simples aventura masculina. Conclui dizendo como as mulheres são exímias na punição. O médico revê as fotos de sua ex-mulher e dirige-se para a necropsia. A mulher da vítima reconhece o corpo entre lágrimas silenciosas e confirmação monossilábica. Inicia-se a autópsia que constata alterações na cabeça por golpes pesados. Abre-se o tórax e o assistente verifica haver terra na traqueia e pulmão esquerdo (o morto fora enterrado com vida). O médico, monossilábico, solicita a continuidade do procedimento, passando-se para o abdômen. Um líquido jorra e atinge o rosto do médico que o limpa parcialmente. O assistente insiste em saber se registrará a terra no pulmão e na traqueia. O médico silencia negativamente. Caminha até a janela e vê a viúva e o garoto seguindo seu caminho. Crianças jogam bola. De repente, a bola vai para o morro, o garoto volta correndo, apanha a bola e num chute certo a reenvia às demais crianças. A vida segue. Fim do filme.

**A criança.** Em *Submarino* (Thomas Vittenberg, 2010), inicialmente dois garotos irmãos batizam sob o lençol o terceiro, um bebê, seu irmão. Eles são filhos de uma mulher bêbada na Dinamarca. Cuidam da criança

diariamente, mas uma vez se embebedam e ao despertarem encontram o bebê morto. Eles crescem. Um é explosivo, passou um tempo na prisão, vive em um prédio com pessoas estranhas que prestam serviços ao serviço social e não vê o irmão mais novo há muito tempo. Tenta lhe telefonar várias vezes e esmurre o aparelho público ferindo gravemente a mão. Foi casado e apaixonado. Encontra o irmão da ex-mulher, um gigante abatido que tem fixações em mulheres e o apresenta a uma vizinha no edifício. Um dia, o gigante gordo mata a vizinha por asfixia e ele recomenda que o gordo desapareça. Senta-se aos pés da cama do cadáver onde será encontrado e, posteriormente, julgado e encarcerado. O mais novo tem um filho, Martin. É calmo; ficou viúvo e é usuário de drogas injetáveis. É um vizinho cordato em um pequeno prédio. Cuida do filho com amor e vive em penúria econômica, prestando regulares informações ao serviço social. Sua vida é levar a criança à escola, ficar com ela e injetar-se. Rotina miserável desde a morte da mulher, ela também usuária de drogas, por atropelamento. Em um entreato, os dois irmãos se encontram no funeral da mãe. É quando o mais velho entrega-lhe o valor da venda de uma casa a ser destinado ao pequeno Martin. Ele recusa tudo que fora da mãe. Desaparece. O mais novo usa o dinheiro para comer, promover viagem do filho com a escola, e comprar drogas para revender nas ruas. Obviamente, acaba sendo delatado e preso. Martin vai para uma instituição e em um dia nevado os irmãos se reencontram na mesma prisão. Dias depois o mais velho sabe que o mais novo cometera suicídio. Enfim, concorda com o advogado em não assumir o crime da vizinha (a mão esmurrada e necrosada, na qual tatuara o A de Ana, a mulher por quem fora apaixonado, é a mesma que esmurrara o telefone público e amputada na prisão), pois a autópsia constatara que a mulher fora estrangulada por duas mãos. Ele e o sobrinho se reencontram no funeral do irmão mais novo, quando revela ao garoto que seu nome é o mesmo com o qual ele e o seu pai batizaram o bebê sob os lençóis. Fim do filme.

Não recorro de nenhum filme brasileiro sobre criança e cadáver, mãe-filho-irmãos-suicídio-assassinato-pais não declarados. Porém, não me sai da memória *Pixote*, de Hector Babenco, onde tem tudo isso e um tantão a mais, ainda muito atual. Tem criança que mata, usa droga, é espancada, morta e desaparecida; inocências, superstições, iniciações sexuais; sexo de todas as maneiras, escola podre, técnicos cabotinos, velhacos, torturadores, polícias, juízes e madames. Tudo termina num caminhar solitário de Pixote pelos trilhos do trem na cidade do Rio de Janeiro. E imagino que todos os que viram o filme guardam ainda na memória os três garotos na pedra da praia do Arpoador cantando “Força estranha”, de Caetano Veloso.

O cinema nos remete ao silêncio diante da profusão de imagens, palavras, ruídos, temas musicais, cores e suas ausências, luminosidades que revelam paisagens inéditas reconstruídas, como nos sonhos do cineasta Federico Fellini em *8 e meio*: a criança diante da exuberância da mulher e perseguida pelos aparvalhados padres da escola, ou nos braços de mulheres adoráveis durante o banho na casa da família; ou criança-adulto entre as mulheres que lhe governam quando imagina governá-las. Como não lembrar o garoto sempre excitado diante de Tristana, no filme homônimo de Luiz Buñuel; ou do filho que trepa com a mãe em *Os deuses malditos*, de Luchino Visconti, para o susto freudiano. E em todos eles estão os cadáveres presentes dos companheiros de Pixote, dos pais de Fellini, dos mortos vivos de Buñuel, os padres-burgueses-santos-mendigos na *sua Via Láctea*, e os cadáveres escondidos, humilhados, escolhidos pelos próprios judeus na esperança de perpetuarem a raça, circundando o nacional-socialismo no filme de Visconti, e que para além do filme nos escancara a governamentalidade de partido político e o direito de *quem deve viver e de quem deve morrer* do nazismo, regime que os liberais e os neoliberais acobertaram taticamente para fazer frente ao seu verdadeiro inimigo estratégico de época: o socialismo soviético. A liberdade liberal precisa de

cadáveres, mesmo que sejam de crianças cujos corpos ficaram nos guetos, campos de concentração e extermínio, instituições austeras, ou pelas ruas e becos das grandes metrópoles brasileiras. A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 justifica, norteia e dirige humanitariamente — a partir dos tribunais de Nuremberg e Tóquio, depois da *bomba da paz*, que completou 70 anos em 2015 — o controle e os direitos tão bem utilizados pela racionalidade neoliberal.

## Dois em uns

Crianças e cadáveres são manifestações do que é a vida humana, uma sinalização utópica da única verdade incontestável fundada na longevidade natural e, contemporaneamente, pelo governo da população (biopolítica) e do planeta (ecopolítica). Malthus temia o excesso de gente; pobres, é claro. O neoliberalismo, por sua vez, educa para se gerar menos filhos para que o futuro capital humano obtenha maiores rendimentos a menores custos. A genética avançou juntamente com as neurociências para corrigir as defasagens do capital humano; a educação, ou melhor, a escola e a saúde passaram a ser direito de acesso a todos e os transfiguraram em portadores de direitos. E a pátria de chuteira deve virar a pátria educadora!

Todos, como capital humano ou empreendedores de si, devem compor a nova utopia para o fim da miséria e glorificar o compartilhamento das práticas do sujeito econômico e do sujeito de direito, evidenciado pelos índices e indicadores no crescimento da classe média. A segurança liberal, fundada na proteção dos interesses individuais dos coletivos e destes dos individuais, deve ser garantida. Para o liberal e o neoliberal não há egoísta e altruísta, há competências, mercado como tribunal, e governo para governar menos, apesar de constatar que nenhum governo sabe se governar o bastante. A fusão da *polizei* (poder pastoral) com a *politik* (poder político) dá neste estado de coisas em que cada um deve

aprender a se governar e à sociedade civil, e obedecer ao soberano para *melhorar* seus acessos aos bens com o trabalho-salário, agora compreendido como fluxo de renda decorrente da competência de cada um, pela escolha racional calculada. O trabalho, enfim, passa a comportar um capital: aptidão competente (máquina) mais renda (fluxo de salários).

Como nunca se viu antes, a gestão do capital humano passou pelos Objetivos do Milênio da ONU, lançados em 2000 e encerrados em 2015, atingindo as metas possíveis para as *futuras gerações* e que ganharão, agora, um novo programa para o período de 2015-2030, chamado *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Pode ser que lá em 2030, mesmo satisfeitos com democracia representativa e participativa em função da governança global, muitos ainda estarão vivos para conferir os índices de desenvolvimento humano, seus correlatos e os novos, informando sobre inovações e alvos atingidos e preparando os novos Objetivos, para um novo período. A China anuncia que em 2050 será democrática. As empresas siderais, até lá, esperam ter se aproximado dos exoplanetas. Outros, estando ou não crentes neste fluxo, serão apenas cadáveres mais ou menos ilustres, porém cadáveres putrefatos, restos para a aula de anatomia, um órgão e/ou medula doados, ou apenas corpos incinerados. Corpos que foram belos, gordos, murchos, envelhecidos, restaurados por plásticas e medicamentos rejuvenescedores e/ou normalizadores. Viveram sua vida para melhorar ou azarar tudo, conformar-se, moderarem-se, ou simplesmente incitarem à revolta.

É inútil revoltar-se? Claro que não é, concordemos com Foucault: “e porque o homem que se rebela é em definitivo sem explicação, é preciso um dilaceramento que interrompa o fio da história e suas longas cadeias de razões, para que um homem possa, ‘realmente’, preferir o risco da morte à certeza de obedecer” (Foucault, 2004: 77). As suas respostas à pergunta, assim como as anteriores de Albert Camus e as dos anarquistas, trazem as dimensões múltiplas da revolta. Há outras que

virão, espera-se, e outras que deliberadamente esqueci, como convém a um cínico, *kunikós*, *cynicus* (Foucault, 2011).

E só por isso, lembrei Camus, Foucault, os anarquistas e falarei de Max Stirner (2001). Porque eu aprecio os corpos vestidos de preto dos *black bloc*: são corajosos e, cobertos de negro, escancaram a beleza branca uniformizada da segurança liberal, da segurança dos Estados, dos partidários, apartidários, dos golpistas, dos que batem panelas, inspirados no *cacerolazo* golpista chileno de 1973, agora com suas panelas de teflon e colheres de silicone para não estragar o utensílio doméstico; e postam *selfies* com policiais, ajeitando seus corpinhos na epiderme dos uniformes blindados que lhes protegem (Passetti & Augusto, 2014). Porque aprecio a Conspiração das Células de Fogo na Grécia, as mulheres curdas islâmicas de Kobane que pegam em armas e fazem frente ao Exército Islâmico, o humor do *Charlie Hebdo*. Porque é preciso escancaranar a aversão ao politicamente correto que recomenda tolerância com fundamentalismos pacíficos, ou seja, tolerância com o fundamentalismo do Estado laico.

É preciso transformar-se, senão é circular à toa em torno dos universais. É, há algo nesta construção do sujeito no ocidente que inverte tudo, porque tudo de mitos, lendas, fábulas, história começa pelos adultos. Há alguma coisa estranha em mitologias indígenas que destoa, porque começa com bichos, pedras, vegetações e crianças para constatar como a vida antecede e sucede a fecundação entre os emaranhados da paisagem, com suas pedras, raízes, lagoas, bichos, sim, animais mesmo, e, portanto, possível humano. Bakunin sublinhava em *Deus e o Estado*: “Sim, nossos primeiros ancestrais, [foram] senão gorilas, pelo menos primos muito próximos dos gorilas, dos onívoros, dos animais inteligentes e ferozes, dotados, em grau maior do que o dos animais de todas as outras espécies, de duas faculdades preciosas: a faculdade de pensar e a necessidade de revoltar-se” (Bakunin, 1999: 14-15).



O pintor Francis Bacon foi muito simples ao falar da vida e da arte:

“acho que é preciso estar totalmente em harmonia com seu tema. O tema deve nos absorver completamente. Senão, se você não tem um tema que o obceca e atormenta interiormente, você cai na decoração. Você pode até procurar, beber em todos os livros e naquilo que o cerca, mas isso não basta. (...). Eu preciso de coisas que me toquem profundamente. E isso nem sempre funciona”. É preciso “‘se deixar levar’, ‘ficar à deriva’. (...) Passei toda a minha vida assim, à deriva. (...) Gosto daqueles que pesquisam, desmontam, desossam, inventam. Trabalho sobre mim mesmo. (...) Fui sempre um otimista, mesmo não acreditando em nada. Quando morremos, não prestamos mais para nada. Só nos resta ser enfiados num saco plástico e jogados no lixo, compreende?” (Bacon *in* Maubert, 2010: 53).

Mas, como a questão relevante liberal é a segurança de sua liberdade, aparece a gestão do crime contra a propriedade material e seus monumentos *públicos*, e contra a revolta. Foucault, principalmente em *Nascimento da biopolítica* (2008), retoma a questão relativa à segurança na gestão da criminalidade. Trata-se da produção de cadáveres para sustentar a utopia da longevidade.

Em outros dois breves textos, Foucault (2004; 2013) situa a utopia e a heterotopia do corpo. Quando acordo, é nele que me corporizo e a mim ele é apresentado no espelho diário. Contra ele é que devem ter começado todas as utopias como prolongamento da beleza e juventude, como múmias, almas... Mas dentro do cérebro e efeito dos olhares, desde que eu não seja cego, acontecem muitas coisas. Penso, circulo, imagino, atravesso, traço-me e refaço os trajetos. Adulto. Mas com crianças é diferente. E a criança me antecede na existência. Ela é um corpo sob certas condições, diante do espelho moderno ou da presença do cadáver no passado. Diante do espelho moderno e da psicologia, da psiquiatria, da antropologia, dos vários ângulos dimensionados na concavidade e convexidade das imagens. Nada mais divertido que uma sala de espelhos do circo. Rimos de nós mesmos, como ri a criança

de si e de seus próximos. Todos ali estão deformados, e restauramos o real ao sairmos da sala vendo cada um como é. E rimos. Por vezes, deslocamos o olhar timidamente ao constatarmos que a sala nos expusera a ser todos iguais, iguais deformados no espaço invertido da beleza que recomendam as utopias: visíveis e invisíveis. E podemos constatar, como Max Stirner, quanto se investiu e quanto nós investimos em fantasmas, medos, limitações etc. e tal para fazer da criança a nossa utopia de adulto. Matamos certa potência heterotópica ao sermos adutores de nós mesmos, fazendo-nos espelho para a criança. Mas são dois corpos estranhos: um mirando sua utopia, outro estranhando dimensões e percorrendo a geografia de nossos corpos sem embaraços. Para a criança, o corpo do adulto não tem fronteiras para além do susto do tombo ao dele cair. É interminável e ela aprende suas dimensões, afagos, abraços, beijos, leite a extrair, nele experimentando. Mas tudo isso sob condições. Não há uma generalização para atitudes de crianças; os saberes se esforçam para generalizar condutas e contracondutas. Entretanto, muito depende das condições materiais sob as quais ela nasce e até mesmo do fragmento de espelho que lhe será disponibilizado:

Nos KL, não havia espaço para inocências. As crianças tinham de viver segundo os regulamentos do campo e eram frequentemente forçadas a agir como adultos. O terror insinuou-se nos seus jogos como ‘Tirar bonés’ e ‘Contagem’, nos quais as crianças mais velhas faziam de *Kapos* ou SS e perseguiram as mais novas. Em Birkenau, havia um jogo chamado ‘Câmara de gás’. Como nenhuma criança queria encenar a própria morte usavam pedras para representar os condenados; atiravam-nas para uma vala — a ‘câmara de gás’ — e imitavam os gritos das vítimas (Wachsmann, 2015: 367)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Em *Pixote*, há uma sequência sobre a brincadeira de bandido e polícia, reproduzindo condições de vida na FEBEM, durante a ditadura civil-militar no Brasil. Wachsmann também indica que nenhuma criança sobrevivia sozinha no campo. Dependia de um adulto que assumia ser seu pai ou mãe no campo. Sobre essa passagem, em especial, ver *O filho de Saul* [Saul fia]. Direção: László Nemes. Produção: Laokoon Filmgroup. Hungria, 2015 (107 minutos).

A criança chora porque quer algo, berra e às vezes é confortada; outras vezes é abandonada e pode até mesmo, com o passar do tempo, deixar de chorar depois de tantas lágrimas sem destinatário; a criança mede força com outra criança. Esse é o longo itinerário percorrido por muitas crianças e para as quais os saberes espelhados da utopia constroem suas edificações que vão da família desestruturada à personalidade perigosa, degenerada, anormal e são produzidas pela verdade das almas, corpos úteis, dóceis e inteligentes, disciplinados e monitorados, dispostos aos hábitos e ao ambiente, hoje como capital humano capaz de gerar uma renda psíquica às mães, como explicita a racionalidade neoliberal. Investimento em *melhorar* as condições de partida na composição do capital humano: utopia neoliberal que nos ensina que temos um corpo e uma inteligência belos, úteis, dóceis e participativos.

Mas a criança também é o escândalo da revolta: ela pode experimentar outras coisas, outros espaços que não serão governados pelos fantasmas da religião, psicanálise, neurociências que orquestram as convencionais culpas, *faltas*, os imperativos da moderação na verdadeira educação, que dão velhas e novas feições ao conformismo que hoje se aloja na formação do sujeito resiliente. A criança como escândalo da revolta está na educação libertária e na reviravolta diante das convenções universalizadoras.

Haverá a revolta possível que reverta o quadro geral da conduta moderada? Não somos mágicos, não dominamos todos os truques, e a vida não é um circo. Sabemos que as crianças são guerreiras, disputam objetos com outras crianças, lutam por um objeto e nesse combate não há a disputa pelo domínio dos valores. Na batalha ferrenha onde lutam e exercitam suas forças, duas crianças simplesmente jogam; o perdedor não se torna submisso e tampouco faz do outro o inimigo; nem o vencedor *a priori* pretende sujeitar o *outro* (no conhecido fragmento de Heráclito, a vida é uma batalha, esta não é sinônima da guerra

convencional como a conhecemos). Não há sujeições e assujeitamentos. Todavia, quando em alguma destas práticas se configura a mesma astúcia do vencedor, ela funciona de revés. Produz o conformismo do outro, a obediência à força como instauração da violência física ou da astúcia do valor superior, mas pode nele também produzir a revolta, que assumirá dimensões inimagináveis na juventude: ele sabe o que é domínio, que é preciso a luta contra o domínio, tanto da criança governante quanto dos pais governadores, autoridades superiores, e distingue os entrechoques utópicos e a potência da heterotopia libertária.

O espaço da revolta não é lugar de inovações, mas de invenções, e ao escapar dos controles pode abrir para relações horizontalizadas, dissolução de hierarquias, vida surpreendente. Repercute, então, o oposto do suposto universal e a educação, que fortificou os combates pelo objeto, apresenta-se como a batalha libertária interminável por meio de práticas libertárias que desconhecem o absoluto e o *a priori* na liberdade. E nestes encontros nas batalhas é que as crianças e os jovens se reencontram limpos e sujos, um desvestindo fantasmagorias e um outro fomentando a nudez dos corpos. Compõem dois em um: o jovem educado livremente e o jovem combatendo sua universal educação. Buscam heterotopias libertárias que se dispensam de timoneiros (pais, governantes, pastores) e dos domadores e líderes (Passeti, 2003). Pouco importa como são identificados. Algo se passa entre eles não para se tornarem *melhores* seres humanos capturados pelos atuais programas de direitos e sustentabilidades ambientais, mas para levarem adiante suas invenções. E explicitarem que a revolta não cessa nem quando adultos, com as suas caras murchas como uva passa que destoa da vitalidade de suas potências corporais jovens, mas não da vontade de potência que os mobiliza.

Muita gente vibrou e vibra com 68. Atendo-se aos cuidados com a nostalgia e alheios à tentativa de apagar 68 pelos liberais e conservadores,

deve-se acompanhar o acontecimento *antiglobalização*, em suas dobras e capturas. Desde 1999 ele mostra que há resistências vivas da revolta nesta história de práticas de liberdade. Mesclado de utopias e heterotopias, de um levar adiante e dos cuidados com as agarras, por dentro e por fora das materialidades computo-informacionais, dispensam-se das inovações democrático-participativas produzindo sua democracia direta. Surpreendem os adultos, essa categoria própria da crença do Estado como categoria do entendimento. Permanecemos guerreiros nas batalhas com *ação direta*!

Se houve a merda que levou o bebê à morte, simplesmente porque os irmãos se embebedaram como a mãe, com os desesperos contínuos traduzidos em suicídio e culpa, ficou Martin, uma criança educada com generosidade por um pai drogado, a um tio explosivo finalmente revirado. É diante do cadáver do pai que o filho e o tio podem continuar a partir de um novo e surpreendente prazer pela vida. Se houve a merda que levou à prisão do verdadeiro pai, alvejado com uma pedra certa na testa pelo filho bastardo, quase tudo desse escondido, proibido e impulsivo menino se reinventa no jogo de bola num terreno baldio onde se pratica o futebol e no qual estamos sempre dispostos a um adversário, a vitórias e derrotas, para voltarmos a seguir e confirmarmos que não somos inimigos (não somos dirigentes, donos de times ou torcida uniformizada). Não é próprio de qualquer esporte, mas do coletivo futebol repleto de individualidades marcantes e lúdicas, que por múltiplas razões é o que mais praticam as crianças neste planeta. Sobre os lucrativos investimentos sobre ele basta olhar para a Copa do Mundo e os efeitos de *junho de 2013* no Brasil. Ordem da razão neoliberal diante da revolta ardente. Se Pixote encontrou uma parada mais tranquila, nunca saberemos. Ele não se confunde com o ator, apesar do filme flertar com o documentário.

O cadáver é o terminal do corpo, assim como para a criança o espelho lhe dá a sua dimensão. A criança, ainda nova, nada sabe de fantasmas,

deuses, do que esperam dela. Mas transfiguram-na em um espaço a ser habitado por alma, por supostas virtudes, um corpo a ser moldado, uma inteligência governada. São poucos os que não almejam espelhar a criança a partir de si mesmos. Afinal, “não existe criança plana de verdade”, dizia uma personagem de David Foster Wallace em *Graça infinita*, no mesmo tino como o filósofo Max Stirner alertara sobre a vida livre das crianças. Mas todos acabam cadáveres, uns antes dos outros, umas crianças antes das outras, sem experimentar ou ultrapassar ser jovem. Os governos do planeta cada vez mais se concentram em *educar* (escolarizar) *crianças* com *saúde* (qualidade de vida) para dar-lhes o estatuto de vivo, de capazes à produtividade, de futura cidadania democrática inteligentemente governada. Os investimentos em retirar a criança da condição de miséria e do perigo de morte situam-na como *vulnerável* e objeto de modulações governamentais na tentativa de dar cabo à revolta, à presença da vida no corpo nu ou simplesmente mascarado.

Sabemos o que fazemos com os nossos filhos naturais e adotivos pelo prazer do sexo revestido ou não com amor, pecado original, entre o leque que vai dos cisgêneros aos transgêneros. Que a religião consola, todos sabemos. Ela nos ensina a amar os outros e ao Estado. Que as humanidades fazem isso também muitos desconfiam. As utopias também. Foucault gastou algumas linhas conhecidas sobre isso em *As palavras e as coisas*. As heterotopias, porém, são esses lugares estranhos, não só de ritos primitivos, bordeis para velhacos, missão jesuítica no Paraguai, espelhos, asilos, cemitérios. As heterotopias libertárias atravessam o espelho, fortalecem associações, práticas de liberdade, interceptam a segurança liberal, neoliberal e a dos castelos de areia socialistas. Elas somente existem para nos dispor à luta, não buscam não-lugares nem o lugar ideal, mas espaços outros.

## Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel (2008). *Nascimento da biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1987). *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tanus Michail. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2011). *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2001). “É inútil revoltar-se?”. In: *Ditos & escritos V*. Organização de Manoel B. da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 77-81.
- \_\_\_\_\_. (2004). “Outros espaços”. In: *Ditos & escritos III*. Organização de Manoel B. da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 11-422.
- \_\_\_\_\_. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora n-1.
- STIRNER, Max (2004). *O eu e a sua propriedade*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Antígona.
- BAKUNIN, Mikhail (1999). *Deus e o Estado*. São Paulo: Nu-Sol/Imaginário.
- MAUBERT, Franck (2010). *Conversas com Francis Bacon*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar.
- WACHSMANN, Nikolaus (2015). *KL. A história dos campos de concentração nazis*. Tradução de Miguel Mata. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- WALLACE, David Foster (2014). *Graça infinita*. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras.
- PASSETTI, Edson (2003). “Vivendo e revirando-se. As heterotopias libertárias na sociedade de controle”. In: *Verve*, n. 4, 2003, pp. 32-55. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve4.pdf> (consultado em 01/02/2015).
- PASSETTI, Edson & AUGUSTO, Acácio. “O drama da multidão e os trágicos black blocs: a busca do constituinte como destino e a ação direta”. In: *Revista Ecopolítica*, n. 9, 2014, seção Paisagens. Disponível em: [http://www.pucsp.br/ecopolitica/galeria/galeria\\_ed9.html](http://www.pucsp.br/ecopolitica/galeria/galeria_ed9.html) (consultado em 01/02/2015).

## Filmes

- ERA uma vez na Anatólia [Bir Zamanlar Anadolu'da]. Direção: Nuri Bilge Ceylan. Produção: Zeynofilm. Turquia/Bósnia-Herzegovina, 2011 (150 minutos).
- SUBMARINO [Submarino]. Direção: Thomas Vinterberg. Produção: Nimbus Film Productions. Dinamarca/Suécia, 2010 (105 minutos).
- OS DEUSES Malditos [Götterdämmerung / La Caduta degli Dei]. Produção Ital- Noleggio Cinematografico, Preaesidents, Pégaso Cinematografica. Direção: Luchino Visconti. Itália, 1969 (156 minutos).
- TRISTANA [Tristana]. Direção: Luis Buñuel. Produção: Épica Films/Talía Films. Espanha/Itália/França, 1970 (105 minutos).
- A VIA Láctea [La voie Lactée]. Direção: Luis Buñuel. Produção: Fraia Film/Greenwich Film Productions/Medusa Distribuzione. França/Alemanha/Itália, 1969 (95 minutos).
- 8 e 1/2. Direção: Federico Fellini. Produção: Cineriz/Francinex. França/Itália, 1963 (138 minutos).
- PIXOTE, a lei do mais fraco. Direção: Hector Babenco. Produção: Embrafilme/HB Filmes. Brasil, 1981 (125 minutos).